

Reações ao pacote econômico

Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo — Manifestou a esperança de que em três ou quatro meses a inflação entre num acelerado processo de queda devido às novas medidas. Quanto ao tabelamento de juros, acha que só será eficiente se houver uma efetiva colaboração do setor financeiro nacional e uma fiscalização permanente e vigilante do mutuário. Acha também que haverá uma retração de consumo nos próximos dias, mas tal retração, que prejudicará a indústria, poderá ser benéfica à economia como um todo, pois será causada por uma corrida de depósitos em poupanças, na expectativa de queda da inflação.

Rui Barreto, presidente da Confederação das Associações Comerciais do Brasil — "Nós reconhecemos que o Governo teve coragem e até ousadia ao adotar estas medidas. Mas só vamos poder analisar sua eficácia depois que o Governo adotar outras medidas complementares, que naturalmente serão tomadas para neutralizar a concorrência entre os papéis. O open, por exemplo, ficou de fora. Corre-se o risco também de termos taxas de juros baratas e não se ter dinheiro disponível. Acredito que o Governo deve evitar que isso aconteça, porque senão seria um desastre. Está todo mundo à espera de uma solução definitiva para a economia do país."

Mário Henrique Simonsen (ex-Ministro do Planejamento): "Espero que a inflação agora caia. Começa a haver as condições para ela cair. É importante agora que o Governo reduza fortemente seus déficits inclusive para que as taxas de juros possam declinar efetivamente".

E eu endosso em gênero, número e grau o que o editorial do JORNAL DO BRASIL disse hoje" (ontem).

Octávio Gouvêa de Bulhões ex-Ministro da Fazenda no Governo Castelo Branco — Considerou "prudente" manifestar-se apenas depois da reunião do Conselho Monetário Nacional, que se realiza quarta-feira e para a qual foi convocado. "Prefiro me enfronhar melhor e depois então manifestar-me. Não sei se há coisas complementares ou explicações maiores", disse.

Camilo Penna, Ministro da Indústria e do Comércio — "Acabou definitivamente o tempo em que o Brasil crescia convivendo com a inflação. Agora os rumos são outros. Esses caminhos, apesar de vitoriosos, estão exauridos. Não dá mais, aos níveis atingidos pela inflação, para o déficit público continuar financiando a construção de infra-estrutura. O Governo dará prioridade ao desempregado e não aos que estão no mercado de trabalho".

José Mindlin, integrante do conselho da CNI e presidente da Metal Leve — "o problema salarial não pode ser o primeiro a ser atacado porque há o risco de a inflação não cair e o trabalhador ficar na rua da amargura".

Leonel Brizola, Governador do Estado do Rio de Janeiro — "Teremos um pacote, depois outro, e cada dia o cerco vai ser mais grave": disse, qualificando as novas medidas econômicas de "extremamente drásticas para os que vivem de salários", e acrescentando que vão atingir as finanças dos Estados e Municípios, porque representam uma queda no consumo e, em consequência, na arrecadação de impostos.